

política impulsionada na busca de seus objetivos por meios violentos (Montesquieu, Rousseau, Clausewitz, Jomini, Mahan, Mackinder, Lenine), a Estratégia Militar é a arte de conduzir a Guerra.

Sendo a Estratégia uma decorrência de uma concepção política, assim a compreendendo podemos afirmar que a política escolhe objetivos para atender os interesses do Estado (ou da aliança de Estados) e a estratégia seleciona meios e estabelece prioridades para alcançar estes objetivos.

Houve época em que se fazia confusão sobre a relação de interdependência entre Política e Estratégia. Desde o início do século XIX essa confusão não é mais aceitável. Senão, vejamos o pensamento dos principais mestres da estratégia. Não há dúvida que foram, Clausewitz no século XIX, Liddell Hart e Beaufre no século XX. O primeiro teve como campo de observação as inovações trazidas ao campo da estratégia pela Revolução Francesa e as guerras napoleônicas. Sua genialidade está em ter sabido sintetizar e traduzir em idéias gerais as constantes estratégicas produzidas por essa época de inovações no campo da guerra; inovações relacionadas muito mais ao âmbito das transformações políticas e à genialidade de Bonaparte do que à evolução da técnica de produção de engenhos bélicos.

Liddell Hart participante da 1ª Guerra mundial e da 2ª Grande Guerra, retirou das observações colhidas nos campos de batalha desses dois conflitos maiores, os ensinamentos que soube traduzir

numa doutrina estratégica lógica e coerente. O General Beaufre colocou no quadro a estratégia moderna os efeitos de uma nova e terrível arma — a bomba atômica, a arma nuclear.

Desejando apoiar o nosso conceito inicial de que a estratégia é uma decorrência da política, vamos alinhar alguns pensamentos destes três clássicos da estratégia.

Clausewitz — “A guerra é a continuação da política por outros meios”.

Liddell Hart — “A melhor estratégia é aquela que atende ao objetivo político por meio de hábeis demonstrações de força, pela mobilidade, eventualmente sem travar a batalha”.

General Beaufre — “A guerra total é concebida em nível governamental, que fixa os domínios das estratégias militar, política, econômica e diplomática”.

Assim estabelecidos os campos doutrinários da política e da estratégia modernas, baseados no pensamento dos três mestres que mais se distinguiram no estudo da estratégia nesses últimos 200 anos, faremos algumas considerações que nos darão uma visão mais ampla do campo de estudo da estratégia militar contemporânea.

A ESTRATÉGIA MILITAR CONTEMPORÂNEA

Desde o início observamos que a palavra estratégia, de origem grega, *estratego era o general grego comandante de exércitos*, — do ponto de vista semântico vem evo-

luindo através dos tempos. Antes do século XVIII esta palavra se referia sempre à arte dos generais, tinha um sentido puramente militar.

A partir da Revolução Francesa de 1793 e das campanhas napoleônicas que se seguiram, as guerras que até então eram objeto de decisões fechadas de gabinetes e dependentes da capacidade dos tesouros reais em contratar exércitos mercenários, formados muitas vezes por profissionais estrangeiros, transformaram-se em guerras nacionais, com o povo em armas e a participação de toda a nação. Esta transformação política e social levou Clausewitz a escrever:

“As coisas mudaram com a eclosão da Revolução Francesa, . . .” Uma nova força que ninguém antes poderia imaginar fez sua aparição em 1793. A guerra repentinamente transformou-se numa preocupação do povo inteiro e de um povo de 30 milhões de habitantes referindo-se a França. A participação do povo na guerra fez entrar a nação inteira em um jogo que antes era objeto de preocupação apenas do gabinete e de exércitos mercenários. Desde aí, deixou de haver limites para a guerra. Antecipava Clausewitz os conceitos de guerra total que 100 anos mais tarde foram teorizados pelo General alemão Ludendorf.

A guerra nacional envolvendo a nação inteira na sorte de conflitos bélicos produziu uma generalização do conceito de estratégia que, de arte de conduzir as batalhas, passou a ser a arte ou ciência de conduzir a nação para a vitória. É o próprio Clausewitz quem anteci-

pava esta evolução do conceito de estratégia quando escreve:

“A guerra não mais pertence ao domínio das artes ou das ciências, mas se relaciona com a existência social. Ela é um conflito entre grandes interesses decididos pelo derramamento de sangue. Parece-se mais com a Política”.

Destes pensamentos de Clausewitz que viveu alguns anos na Rússia Imperial onde teve uma cadeira de Professor em Ciência Política e Estratégia, Lenine extraiu o seu conceito de guerra permanente. Parafraseando Clausewitz, Lenine escreveu sua célebre frase de que “A política é a continuação da guerra por outros meios”.

Como o próprio Clausewitz previra, no futuro haveria além da estratégia militar, estratégias correspondentes aos campos de generalização do conflito bélico — político, econômico, social e outros.

No pensamento militar moderno predominam três escolas principais sobre a estratégia:

- . estratégia de ação direta;
- . estratégia de ação indireta; e
- . estratégia de dissuasão

Cada uma dessas escolas tem o seu pensador clássico. Clausewitz é o preconizador da primeira, Liddell Hart da segunda e o General Beaufre da terceira.

Embora Clausewitz tenha falecido em 1831, Liddell Hart em 1970 e o General Beaufre em 1975, distanciados no tempo de um século e meio, as idéias de Clausewitz continuam atuais e, em grande parte, foram adotadas pelo

grande pensador contemporâneo Raymond Aron. A este respeito vale aqui reproduzirmos o conceito do militar francês, Coronel Guy Doly, Professor da Escola de Guerra, no seu livro "Strategie France Europe" "Fora do acontecimento extraordinário que constituiu o aparecimento da arma nuclear em 1945, nada realmente de novo aconteceu no campo da estratégia."

Segundo Karl Von Clausewitz, no seu livro clássico "Da Guerra", o objetivo político da guerra é destruir as forças militares do inimigo e conquistar o seu território". Como estratégia militar para alcançar este objetivo político o escritor alemão prescreve — "travar a batalha, não há outro meio". Como princípios estratégicos do pensamento de Clausewitz encontramos: concentrar as forças e lançá-las contra a massa principal do inimigo, de sorte a chegar a decisão pela batalha, se possível em uma só ação e em um só momento. É a chamada estratégia de ação direta, contra as forças principais do inimigo (o seu centro de gravidade), realizando a surpresa estratégica. Estudando as campanhas de Napoleão, Clausewitz seleciona como fatores de surpresa estratégica — a mobilidade, a velocidade, as ações diversionárias e a divulgação de informações falsas, visando a iludir o inimigo sobre o ponto de aplicação do golpe decisivo.

Analisando a aplicação dos princípios estratégicos de Clausewitz na guerra contemporânea o Coronel Guy Doly, já citado, argumenta que no quadro do conflito mili-

tar moderno, entre as superpotências e as grandes potências, o chamado conflito leste-oeste, em que se confrontarão as forças da OTAN e do Pacto de Varsóvia, o objetivo de destruição das forças inimigas e ocupação de seu território, buscando o seu centro de gravidade, não parece mais real, porque isto exigirá um preço excessivo que nenhum dos contendores têm condições de pagar. Vamos ver, quando analisarmos as estratégias de ação indireta e a estratégia de dissuasão esta impossibilidade, com os meios bélicos atuais que possuem ambos os lados rivais, de se chegar a uma destruição maciça, como defende Clausewitz, sem incorrer no risco certo da destruição mútua. A resposta será tão violenta e mortífera como o ataque.

Fora do quadro do conflito leste-oeste, nas guerras locais e regionais, na chamada guerra convencional, poderemos, até certo ponto, considerar válidos os princípios, considerar clausewitianos, desde que, um dos lados seja capaz de concentrar superioridade de meios e aplicá-los de surpresa no centro de gravidade dos dispositivos de força inimigo.

Passaremos, agora, a analisar as idéias principais de outro clássico da estratégia, o inglês *Liddell Hart* que, ao contrário de Clausewitz, é o defensor da chamada *estratégia de ação indireta*.

Liddell Hart foi o primeiro autor a integrar os conhecimentos das duas guerras (de 1914—1918) e de (1940—1945). Os dois fatores que mais influenciaram nas operações

militares nesses dois conflitos e vieram a influir na estratégia contemporânea foram o emprego do avião e do carro de combate, emprego experimental na 1ª Guerra mundial e maciço na 2ª Grande Guerra. Dessas inovações da tecnologia e da indústria bélica, o escritor inglês tirou duas conclusões estratégicas: da importância da ação indireta e da mobilidade da manobra estratégica.

A 1ª Guerra Mundial, de que Liddell Hart foi testemunha, fora um massacre de quase quatro anos numa guerra imobilizada de trincheiras. Morreram 10 milhões de homens de ambos os lados. A chegada de meio milhão de norte-americanos, em 1917 Comandados pelo General Pershing, conseguiu desequilibrar o impasse estratégico dando superioridade de meios aos aliados e obrigando os alemães de Guilherme II, o Kaiser, a procurar um Armistício.

Os primeiros ensaios de emprego do carro de combate e do avião ambos rudimentares, de reduzido peso e raio de ação não foram instrumentos suficientes a alterar o impasse de equilíbrio estratégico que imobilizara os "fronts". Mas, o desenvolvimento da tecnologia na fabricação de aviões e carros de combate mudou o ambiente estratégico da 2ª Guerra Mundial, iniciada propriamente com a invasão da Polônia em 1939. A "blitzkrieg" alemã contra a França, composta por enorme massa de carros blindados, apoiada por densas nuvens de aviões de combate, abriu o quadro estratégico

característico desse conflito mundial.

A 2ª Guerra Mundial caracterizou-se como uma guerra de movimento. A idéia de imobilizar as frentes de combate nas fronteiras, por meio das posições superfortificadas, as famosas linhas Siegfried (alemã) e Maginot (francesa), revelou-se vã ilusão estratégica e desperdício. Em toda a parte, no Pacífico, no Atlântico, na África do Norte, no continente europeu, o que caracterizou a guerra foram os movimentos estratégicos de grande envergadura, como as operações anfíbias na invasão do Norte da África, da Sicília, do Sul da França e da Normandia, reunindo imensa massa de meios marítimos, aéreos e terrestres, e, também, as operações dos Exércitos no Norte da África e na Europa. Nenhuma barreira física ou humana foi capaz de conter por muito tempo o poder de choque das massas de blindados, seguidas de forças motorizadas e apoiadas pela aviação de acompanhamento ao combate e de bombardeio. A observação aérea e a mobilidade permitiam realizar a surpresa estratégica sobre um flanco ou retaguarda.

Este quadro da guerra de 1945 enriqueceu os conhecimentos estratégicos de Liddell Hart que se tornou o principal analista e escritor militar de sua época. Na síntese de suas apreciações no após-guerra de 1939-1945, Liddell Hart oferece-nos suas conclusões que contrariam os princípios fundamentais da estratégia da ação direta de Clausewitz que,

como vimos preconizava "atacar com superioridade de forças e a violência máxima a massa principal das forças inimigas, procurando, para esta ação, a surpresa estratégica".

Liddell Hart, no seu livro sobre Estratégia, editado em 1954 contraria o pensamento de Clausewitz e propõe como nova estratégia, a *ação indireta* que pode ser assim traduzida:

"a estratégia mais conveniente é a que permite conduzir a batalha da maneira mais vantajosa e muitas dessas condições vantajosas, se aplicadas, poderão conduzir ao desequilíbrio das forças do inimigo com um mínimo de combate;

em síntese, a estratégia perfeita, será obter a decisão pela derrota do inimigo e sua rendição sem combate."

A estratégia de ação indireta, assim exposta, procura tirar o máximo proveito da mobilidade, da velocidade e da surpresa oferecidas pela tecnologia militar moderna para desequilibrar a estrutura do dispositivo inimigo. E, numa quase obsessão de virtuosidade estratégica, imagina até derrotar as forças militares inimigas pela simples manobra estratégica.

É interessante observar-se neste ponto de nossas considerações que Lenine, um discípulo de Clausewitz em assuntos estratégicos, colocando o seu ingrediente político-revolucionário na estratégia, já havia escrito: "a melhor estratégia consiste em retardar o início das operações militares até que a desagregação moral do inimigo nos

permita, facilmente desferir-lhe o golpe mortal". No conceito de Lenine encontra-se a semente da chamada "guerra revolucionária" que será objeto de nossa atenção em seguida, e que visa minar o moral do inimigo atuando essencialmente sob sua mente, através da propaganda, dos atos de terrorismo e de intimidação". É interessante se notar, também, que os conceitos estratégicos de ação indireta de Liddell Hart tiveram como precursores o chinês Sun Tzu (500 anos antes de Cristo) e seus discípulos contemporâneos Mao Tze Tung e o General vietnamês Giap.

Vale a pena, aqui, reconstituirmos a influência de Sun Tzu e de Mao Tze Tung, o primeiro precursor e o segundo grande mestre da estratégia de ação indireta. O livro clássico de Sun Tzu, "A arte da guerra", foi escrito nos últimos anos no século VI antes de Cristo. Consta que o autor o ofereceu ao rei Ho-lu, da dinastia Wu. Sua difusão no Ocidente deve-se ao Padre Amiot, um jesuíta missionário em Pequim. A tradução do Padre Amiot foi divulgada em Paris em 1772. Assim, podemos dizer que a teoria estratégica de Sun Tzu, inteiramente contrário ao pensamento estratégico de Clausewitz, teve predominante influência na Europa a partir dos anos do lançamento de sua obra clássica "Von Krüge", 1832, até hoje.

Sun Tzu considerava a guerra "um assunto de vital importância para o Estado", exigindo, por isto, apurado estudo e análise. Ele nos oferece a primeira tentativa conhecida de formular uma doutrina es-

tratégica, baseada por planejamento e em princípios de conduta das operações. Acredita que um estrategista hábil deve ser capaz de submeter as forças inimigas sem engajá-las na batalha, de ocupar as suas cidades sem necessidade a um cerco destruidor e de derrubar seu governo sem batalhas sangrentas.

Sun Tzu estava convencido de que a estratégia envolve uma habilidade manobreira mais do que o choque de forças. A superioridade numérica, por si só, não representa vantagem. Considerava Sun Tzu que os fatores morais, intelectuais e circunstanciais são mais importantes no confronto de Exércitos do que os fatores da força física e aconselhava os reis e comandantes a não se iludirem com a superioridade física de seu poder militar. O escritor militar chinês não concebia a guerra em termos de massacre e destuição; o verdadeiro objetivo estratégico, dizia, é conquistar o território e as forças inimigas intactas, ou tão intactas quanto possível.

Acreditava Sun Tzu que o planejamento estratégico meticuloso, baseado na informação correta sobre o inimigo eram fatores que contribuíam para uma decisão militar rápida. Sempre levava em conta os efeitos da guerra sobre a economia e, indubitavelmente, foi o primeiro a observar a inflação dos preços inevitável durante as guerras. Afirmava: "nenhum país é beneficiado pela guerra prolongada". Preocupava-se com os problemas logísticos de apoio ao Exército.

Sobre as qualidades de um bom general dizia: boa moral, emocionalmente sereno, controlado de atitudes, conhecedor da influência dos fatores terreno e das condições climáticas sobre a manobra estratégica. Antes da abertura das hostilidades, Sun Tzu aconselhava o lançamento de atividades clandestinas no interior do país inimigo, espalhando boatos falsos e informações contraditórias.

Os princípios de *Guerra Revolucionária* nós os encontramos inicialmente na concepção de Sun Tzu. Como vimos o estrategista chinês, o mais antigo mestre da estratégia de ação indireta, aconselhava-a antes do início das atividades bélicas e, também, durante as mesmas, a infiltrar-se no interior do país inimigo, espalhando boatos falsos e informações contraditórias, buscando enfraquecer o seu moral e a sua vontade de resistir. É a ação sobre a mente do inimigo.

Mao Tze Tung foi o principal discípulo de Sun Tzu. Nascido em 1893, Mao Tze Tung foi conquistado pelas idéias políticas de Marx e Engels, quando ainda muito jovem foi assistente da Biblioteca da Universidade de Pequim. Em 1920 era já um comunista acabado. Desde este momento lançou-se à grande missão de sua vida — criar uma nova China baseada nas idéias políticas de Marx e Engels. Crescendo na hierarquia do comunismo chinês, Mao Tze Tung tornou-se, ao mesmo tempo, um teórico da guerra revolucionária, e um general combatente incansável na luta contra as forças do Exército Nacionalista de Chiang Kai Shek. Par-

tindo dos conceitos básicos de Sun Tzu, ele desenvolveu uma estratégia, uma tática e uma logística para a guerra. Suas teorias impressionaram Lenine e foram incorporadas pelos soviéticos que as utilizam como um dos mais eficazes instrumentos de agressão aos países que pretendem conquistar ou neutralizar no quadro do conflito mundial. Atualmente vemos a guerra revolucionária em pleno desenvolvimento particularmente no Afeganistão e na América Central.

Em um dos seus livros, em 1937, disse Mao Tze Tung: "a primeira lei da guerra é preservar nossas forças e destruir as forças do inimigo". *Do ponto de vista estratégico*, Mao concebeu esta forma de guerra como passando por fases sucessivas, através das quais ela vai aumentando sua área de influência e o grau de submissão da nação atacada. A primeira fase é dedicada à organização, consolidação e preservação de uma base regional. A segunda fase visa a progressiva expansão dessa base. A terceira fase, é a fase da decisão, quando a destruição e conquista da nação é objetivada.

Quanto as táticas que Mao Tze Tung aconselha, acompanhando essas três fases da manobra estratégica da guerra revolucionária, destacaremos:

Na primeira fase (de organização, consolidação, preservação de uma base regional) compreendendo:

- escolha do local para a base em região isolada e de difícil acesso;
- organizar um centro de treina-

mento de voluntários, agitadores e propagandistas;

- espalhar propagandistas entre a população próxima à base a fim de persuadir e convencer os habitantes, transformando-os em aditos da causa revolucionária.
- em consequência, criar em volta de cada base um cinturão protetor de simpatizantes em condições de assegurar o recrutamento de recrutas, a coleta de informações e o suprimento de alimentos;

O processo a desenvolver nessa fase é essencialmente conspiratório, clandestino, metódico e progressivo. As operações militares só são admitidas eventual e esporadicamente.

Na segunda fase (de expansão da base), a ação direta assume um papel cada vez mais relevante. As práticas mais usadas são:

- atos de sabotagem e terrorismo;
- sequestros de colaboracionistas e reacionários;
- ataques de surpresa a postos isolados da polícia ou do Exército e apropriação de armas e recursos logísticos.

O objetivo procurado nessa fase, além da expansão da área de influência pela propaganda, o terror e a intimidação, é a apropriação de armas, explosivos, dinheiro, material de saúde e equipamentos de comunicação. As ações são praticadas por guerrilhas que vão se tornando cada vez mais adestradas e melhor equipadas. Os habitantes das áreas envolvidas são submetidos à constante propaganda para

aderirem à causa revolucionária e dar à mesma as características de movimento de massa.

A terceira fase (fase da decisão ou destruição do inimigo) como se vê, dependerá do êxito alcançado nas fases anteriores. A teoria de Mao Tze Tung, para esta fase, estabelece a previsão de que as guerrilhas já consolidadas se integrem num Exército revolucionário capaz de desafiar o inimigo (as forças do Estado) em combates do estilo guerra convencional. Esta fase deve ser prolongada por negociações, com postura de ameaça militar, durante as quais as forças revolucionárias aproveitam para melhorar suas posições (no campo militar, político, social e econômico). Durante as negociações, pouca ou nenhuma concessão deve ser esperada do comando das forças revolucionárias, cujo único objetivo é criar pelo cansaço, pelo jogo de impasses sucessivos, melhores condições para garantir sua unidade e garantir o processo vitorioso de sua causa.

O sucesso da "guerra de guerrilhas", como usualmente é chamada a guerra revolucionária, a partir da segunda fase, depende essencialmente da montagem de uma boa rede de informações que assegure sempre às forças revolucionárias conhecimento preciso sobre as atividades e possibilidades das forças governamentais e lhe permita tirar a máxima vantagem das ações de surpresa.

No tocante à *logística* das guerrilhas é o próprio Mao quem diz em sua teoria que "a guerrilha não

tem retaguarda". Seus suprimentos devem ser retirados da própria área envolvida. O inimigo é a principal fonte de recursos em armas, equipamento e munição. O próprio Mao escreveu certa ocasião: "eu tenho pedidos de suprimentos aos arsenais de Londres assim como aos de Hanyang e, o que é mais importante, esses pedidos nos são entregues pelas unidades de transportes do inimigo que assaltamos". O pior é que não se tratava de uma brincadeira de Mao, mas de uma crua verdade. Vários comboios de armas e de suprimentos destinados ao Exército Nacionalista de Chiang Kai Shek caíram inteiros em mãos das forças de Mao, vítimas de ataques de surpresa, muitas vezes em convivência com elementos nacionalistas adésistas.

Com a explosão das duas bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki, em 1945, houve um tremendo impacto no campo da estratégia militar. Surgia uma nova arma de poder destruidor e mortífero nunca antes imaginado, e contra a qual não se vislumbrava nenhum recurso de defesa. A ameaça de guerra nuclear como que paralisou, por algum tempo, a mente dos estrategistas militares. Inicialmente, o monopólio da bomba nuclear esteve com os Estados Unidos. Em 1949 a União Soviética explode sua primeira bomba atômica pondo fim a este monopólio. Passa a haver uma resposta estratégica para a bomba atômica, — a represália atômica. Começa a escalada atômica. Estados Unidos e União Soviética aumentam seu arsenal e repetem suas explosões em

campos de prova afastados em ilhas do Pacífico.

O crescimento dos arsenais apavora a humanidade, ante o perigo de uma hecatombe de dimensões mundiais. A antiga bomba atômica, de fissão nuclear é substituída por outra muito mais poderosa, de fusão nuclear — a bomba de hidrogênio. Ao mesmo tempo as superpotências — Estados Unidos e União Soviética — colocam sua tecnologia e indústria a serviço dos vetores de transporte das bombas — é a corrida dos mísseis que de continentais passam a intercontinentais e hoje exploram o espaço sideral alcançando outros planetas.

É neste quadro — de engenhos nucleares fabricados aos milhares, cada vez mais potentes e mortíferos, e de mísseis transportadores de raio de ação ilimitado e também cada vez de maior precisão, que surge a estratégia de dissuasão do *general francês Beaufre*.

Segundo o General Beaufre, sintetizador brilhante de estratégia da guerra total de nossa época, — “a estratégia é a arte da dialética das vontades empregando a força para resolver seus conflitos. É a vontade dos homens, a vontade dos povos e ainda hoje é necessário que eles tenham vontade de combater e vencer”.

Sobre a guerra nuclear, escreve Beaufre que a dissuasão nuclear é a estratégia que visa paralisar o inimigo pelo risco de ser destruído pela represália nuclear. É a situação que estamos vivendo atualmente. Os arsenais nucleares acumulados pelos Estados Unidos e União Soviética e os mísseis que

possuem, criam o ambiente paralisante da auto-destruição do atacante. Como o objetivo político da guerra é a vitória e não a auto-destruição, aí se encontra o efeito paralisante da estratégia de dissuasão nuclear do General Beaufre, mas o General Beaufre, em sua estratégia da guerra total não se fixa apenas nos aspectos do conflito nuclear. Escreve ele:

“A dissuasão nuclear, paralisando o conflito bélico, deixa uma margem muito estreita de liberdade de ação estratégica: aquela que é explorada pela estratégia soviética sobre a comunidade mundial. A ação política e econômica, a utilização de movimentos revolucionários e mesmo conflitos locais que procuram escapar à paralisia imposta pela dissuasão nuclear”.

CONCLUSÕES

A estratégia militar contemporânea, — de ação direta, de ação indireta em cujo contexto se inclui a guerra revolucionária e de dissuasão nuclear, pode ser aplicada a qualquer forma que venha se apresentar a guerra moderna:

- a convencional;
- a nuclear; e
- a revolucionária

Os novos conflitos bélicos têm como tendência, se forem locais, desenvolverem-se num quadro misto de guerra convencional e guerra revolucionária, sucessiva ou paralelamente. Se forem gerais, envolvendo países comprometidos no confronto leste-oeste, Pacto de Varsóvia e OTAN, poderão combi-

nar as três formas de guerra acima citadas, devendo o emprego da arma nuclear realizar-se ou no chamado ambiente tático-operacional, o que será mais provável, ou em caso desesperador, de forma ilimitada provocando a horrível hecatombe que todos procuram evitar.

BIBLIOGRAFIA

- SUN TZU - "The Art of War" Oxford University Press, 1963.
- GRIFFITH, Samuel, General - "Mao Tze Tung on the Guerrilla Warfare" - Praeger Publishers, New York, 1961.
- CLAUSEWITZ, Carl Von - "Da Guerra" (Von Krüge) - Livraria Martins Fontes Editora, tradução da Universidade de Brasília, São Paulo, 1979.
- LIDDELL HART - "History of Second World War" - G. P. Putnam's Sons, New York, 1970.
- "Strategy" - Faber and Faber, London, 1954.
- DOLY, Guy Coronel - "Estrategie France Europe", Les Editions Média - Paris, 1977.
- O'NEILL, Robert J. - "General Giap - Politician and Strategist" - Praeger Press, New York, 1969.
- LOWE, James Trapier - "Geopolitics and War - Mackinder's Philosophy of Power" - University Press of America, 1981.
- SUMMERS JR, Harry J. - "On Strategy, Critical Analysis of Vietnam War", Presidio Press, California, 1982.
- GOODSPEED D. J. - "Lundendorff" - Bibliex, Brasil, 1968.
- DUVERGER, Maurice - "Ciência Política", Zahar Editores, 2ª Edição, Rio de Janeiro, 1976.
- ARON, Raymond - "Penser 1ª Guerre, Clausewitz", Bibliothèque de Sciences Humaines, Editions Gallemand, 1976.
- CAVALCANTI, Themistocles Brandão - "Teoria do Estado", 3ª Edição, Editora Revista dos Tribunais, São Paulo, 1977.
- BEAUFRE, General - "Introduction a la Strategie", Librairie Armond Colin, Paris, 1965.



O General-de-Divisão R/1 Carlos de Meira Mattos é autor de numerosos trabalhos no campo da Geopolítica, destacando-se "A Geopolítica e as Projeções do Poder" e "Projeção Mundial do Brasil". Ex-Vice-Diretor do Colégio Interamericano de Defesa, com sede em Washington, DC, EUA.